

oya

Eda Nagayama

Yaser

Eda Nagayama

**Esse livro é dedicado a Yaser e sua família:
Wasfiya, Hala, Jalal, Aiman e Talal.**

Yaser foi escrito a partir de minha estadia na Palestina por três meses, entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017, como parte do Programa de Acompanhamento Ecumônico em Palestina e Israel (EAPPI), promovido pelo Conselho Mundial das Igrejas (WCC). O programa começou em 2002, quando o vilarejo de Yanoun foi evacuado, após um período de violento assédio por parte de colonos israelenses dos assentamentos do entorno. O caso ganhou notoriedade internacional e foi a presença de estrangeiros — e também de cidadãos israelenses — que permitiu que ao menos parte das famílias palestinas retornasse às terras onde viviam havia gerações. Com o intuito de observação de direitos humanos, essa “presença protetiva” estrangeira foi estendida a outras localidades na Cisjordânia, como Jerusalém, Belém, Hebron, Colinas do Sul de Hebron, Vale do Rio Jordão e Tulkarm.

Yaser menciona alguns poucos incidentes amplamente divulgados pela mídia, como o Massacre do Túmulo dos Patriarcas, em 1994, e o atentado com um caminhão em Jerusalém, *copycat* de ataques europeus, em janeiro de 2017. Todos os demais eventos narrados foram por mim presenciados ou relatados diretamente pelos envolvidos. Essa presença e escuta constituíram uma experiência pessoal contundente. Na tentativa de elaboração posterior, a escrita me parecia um instrumento potente, mas também ilegítimo: como narrar o que se passa ali? Como compartilhar a experiência cotidiana de tensão e arbitrariedade? Diante da ambivalência entre a premência de narrar e a incapacidade de fazê-lo com maior propriedade, optei por deixar que a ficção permeasse *Yaser*. Cuidei para que a

invenção não fosse abusiva e se restringisse a sutilmente alinhavar pensamentos e emoções, alterando a temporalidade de situações. Que o leitor possa então vislumbrar um pouco da “minha” Palestina a partir desses fragmentos, e acolher a escrita nascida de uma posição de empatia — por um lado, difícil e dolorosa, mas, por outro, alimentada, com muito respeito e afeto, das inclusivas e positivas diferenças que podem ser descobertas entre as pessoas. *Inshallah!*

* * *

Aos interessados no tema, recomendo as ONGs: Breaking the Silence (www.breakingthesilence.org.il), formada por combatentes veteranos que serviram no exército israelense desde o início da Segunda Intifada, e B'Tselem — Centro de Informação Israelense para Direitos Humanos nos Territórios Ocupados (www.btselem.org).

Yaser

Um homem, Yaser. Ele acorda e, no espelho, lava a noite do rosto. Sobre a mão em concha, despeja um pouco da água do jarro verde de plástico, o bico fino como o de um bule. Junta as mãos e as leva ao rosto. A água fresca percorre os caminhos da pele, os veios cavados pelo tempo e pela secura, tanto sol e calor na lida dessa terra. Água sempre pouca, só esse punhado. Está acostumado. O gesto purifica, mas também é um reconhecimento: sim, esse sou eu. As mãos passam uma e outra vez, mesmo sem água, refazendo o percurso pelo rosto, esse outro campo árido. Mais um dia, na vontade de Alá. O palestino contempla sua imagem no espelho, os olhos escuros que, brilhantes, ainda não nublaram como o céu de inverno. Que não chovam esses olhos. Que não venham motivos nem outras tempestades que não aquelas que caem dos céus para fazer beber a terra. Se vierem, que não venham armadas para lhe tirar a paz, tormentas de uniforme e botas, aos gritos, batendo na porta, pondo o medo para dentro de casa. Não.

Wasfiya ainda dorme. Agora é a vez de Yaser retribuir o olhar de afago que ela gosta de pousar sobre ele. Sorri. Mesmo adormecida, há nela algo da menina que foi, da prima que viu crescer junto dele. Afaga com o olhar porque ela é seu conforto e consolo, hoje e também quando seus olhos choveram tanto — naquela noite de 2002 que tornou passado o homem que fora até então. Sem aviso nem motivo, um grupo de colonos israelenses veio até o vilarejo no meio da noite. Esmurraram a porta metálica de sua casa, acordando a família inteira num sobressalto. Yaser correu para verificar, não sem antes olhar para a

mulher, já com os filhos arrebanhados junto de si. Pela fresta da janela, ele viu os homens gritando ameaças, de armas em punho. Antes que atirassem ou derrubassem a porta, achou melhor abrir. Os colonos entraram e, mirando sua cabeça, puseram Yaser de joelhos. Bateram, humilharam. E gritaram mais: que fossem embora daquela terra à qual não pertenciam. Um homem pode se tornar outro se for agredido e desonrado na frente dos próprios filhos. Tudo isso já passou, mas ainda continua acontecendo dentro dele — agora e talvez para sempre, até o fim de seus dias. 2002 é um ano sem fim.

Yaser suspira, sopra um vento em seu céu para desanuviar o passado. Faz as contas do tempo em anos: dezesseis. Mas ele ainda se lembra bem das crianças assustadas, sem entender se aquilo não era mesmo um sonho mau. O pai sem poder acudir, o choro dos filhos doendo nele, a falha de permitir o sofrimento. Ele venta a imagem da memória para longe. Hoje fará tempo bom, menos calor para secar as plantas. Melhor mesmo seria se chovesse. Ainda não, talvez no final da semana, foi o que disseram ontem na TV. O dia apenas começa, escondido pela noite. Não vai demorar para o sol pôr seus olhos sobre ele e, enquanto isso, cuida do rebanho. Com um punhado de ovelhas e cabras ainda prenhes, os dias logo irão se encher de novos filhotes.

De mamadeira e balde nas mãos, Yaser entra no cercado e não pode deixar de sorrir ao ser acolhido com saltos, como se fosse a mãe. Na mamadeira, as crias das semanas anteriores tomam uma mistura do leite das várias fêmeas que, boas, têm produzido o bastante para os filhotes e a família, e também para fazer o queijo. Gosta assim: a

terra, os animais, os dias um após o outro, todos bem parecidos — com um pouco de chuva, mais sol —, as preces, mais filhotes, finalmente a colheita. Um dia ou outro, Yaser sabe que não irá escapar de chorar de novo. Abençoado, que o choro seja de contentamento. Quem sabe por Hala lhe dar um neto, o casamento de um dos meninos, Talal voltando para ficar nessa terra, onde nasceu. Sorri ao imaginar o primogênito comendo o queijo branco e macio feito pela mãe naquela mesma manhã. O sorriso e o brilho nos olhos que são também seus, desse pai cheio de orgulho. Após anos trabalhando na Arábia Saudita, o filho voltará para ser de novo o seu menino.

Mas ainda não é tempo e os anos passam lentos, sem fazer chegar o dia do retorno de Talal, dia em que suas raízes irão se espreguiçar: finalmente na Palestina, em Yanoun, em casa, junto de sua gente. Logo ao entrar, verá o piso novo de cerâmica branca e as paredes amarelas bem pintadas com o dinheiro que enviou. Uma vez de volta, que não demore a encontrar uma boa mulher, como a mãe, para fazer família e filhos. “Encontrar”, Yaser sorri. Diferentes dos pais, os jovens já não querem mais se casar com os primos. Que seja. Na sua vez, o pai e o tio conversaram um pouco, tomaram chá, fumaram. Sabiam do afeto dos filhos e não houve necessidade de arranjo nem persuasão; foi só decidir a data do casamento. O gostar de Yaser e Wasfiya era mesmo certo, como só a natureza sabia fazer. Após a concordância dos pais, que fosse também a vontade de Alá.

Enrubesciam ao imaginar o que poderia ser aquilo de marido e mulher que, como todos, não tardariam a apren-

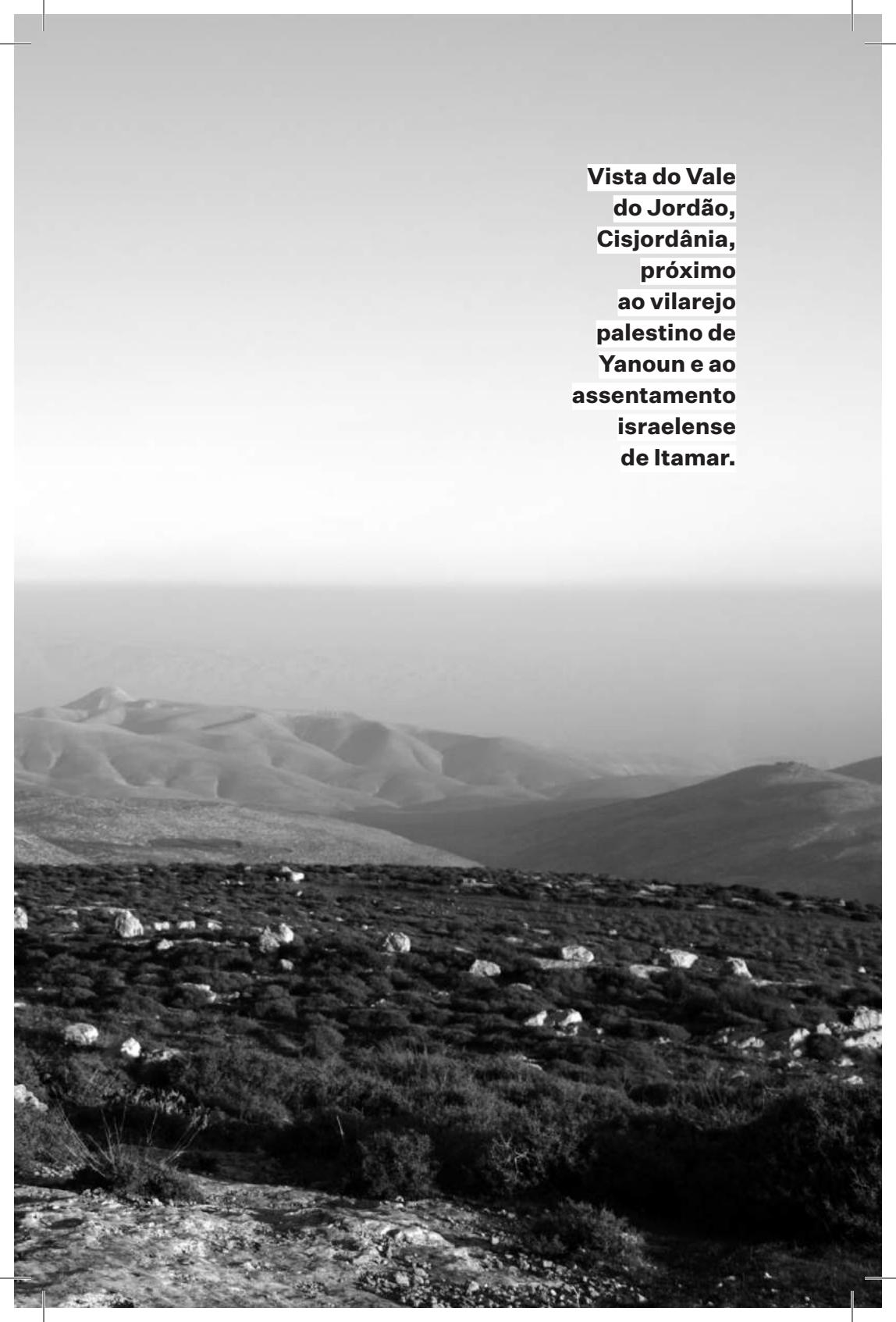
der juntos. Na data combinada, a família fez uma festa e os parentes vieram — os próximos, os distantes. Comeram muito e bem, deram muitas risadas e cantaram velhas canções, conhecidas por todos. Menos de um ano depois, veio Talal. E a cada dois, três anos, receberam a bênção de outra criança, até que os filhos fossem quatro: três homens para ajudar o pai e a menina, Hala. Halo de luz para encher a casa de graça, que um dia a filha possa parir, de seu próprio ventre, mais um deles. Yaser ora para que seus filhos encontrem na vida esse outro que vai abrigá-los no peito, ser seu consolo e conforto. Que saíbam o que ainda faz pai e mãe sorrirem um para o outro, apesar de tudo e do tempo. O mundo, de repente, tão simples e bom. *Inshallah*.

* * *

A água nunca é muita e o sono também tem sido pouco. Com o que tem, Yaser faz o que pode. Se tivesse mais sono, voltaria a sonhar, depois de anos acordando de noites profundas das quais só restavam sensações esparsas. O peito, ainda hoje, pode apertar um pouco, mesmo que ele se esforce para não alimentar as feras dos maus pensamentos nem adubar as aflições do passado que, incansáveis, sombreiam seu espírito. Sabe dessas assombrasões: o medo de que os colonos voltem no meio da noite. E então, nos dias que começam assim, nublados, o palestino ocupa-se em capinar com mais força, afofar

**View of the
Jordan Valley
in the West
Bank, near the
Palestinian
village of
Yanoun and
the Israeli
settlement
of Itamar.**





**Vista do Vale
do Jordão,
Cisjordânia,
próximo
ao vilarejo
palestino de
Yanoun e ao
assentamento
israelense
de Itamar.**

**Palestinian
village of
Khirbet Tana.**

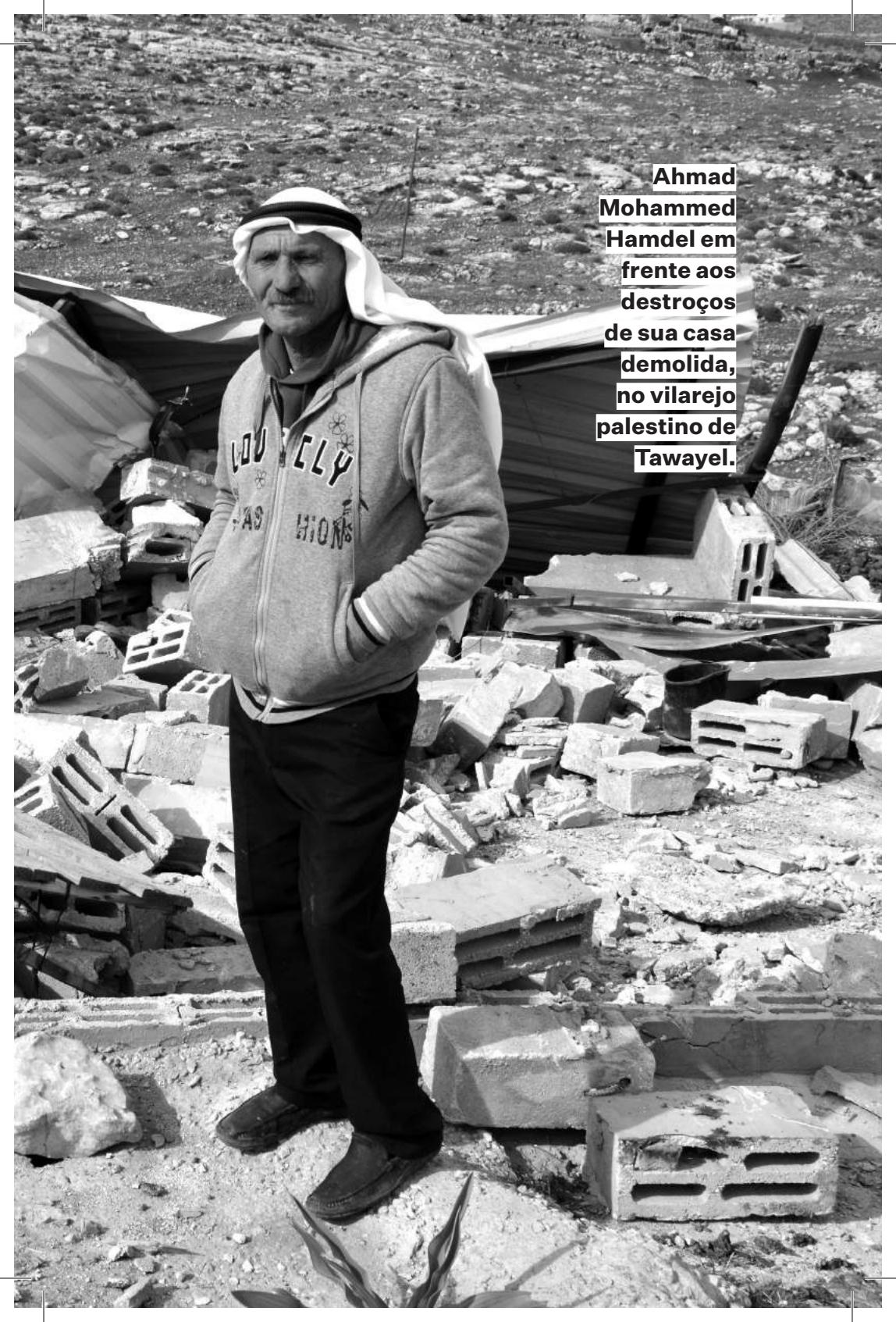


**Vilarejo
palestino de
Khibet Tana.**



**Ahmad
Mohammed
Hamdel in
front of the
remains of his
demolished
house in the
Palestinian
village of
Tawayel.**





Ahmad
Mohammed
Hamdel em
frente aos
destroços
de sua casa
demolida,
no vilarejo
palestino de
Tawayel.

**Children
throwing stones
against Israeli
soldiers after
the arrest of
armed settlers
who threatened
the residents of
the Palestinian
village of Qusra.**



**Meninos
atirando pedras
contra soldados
israelenses
após a detenção
de colonos
armados que
ameaçaram
moradores
do vilarejo
palestino de
Qusra.**

**This book is dedicated to Yaser and his family:
Wasfiya, Hala, Talal, Aiman, and Talal.**

Yaser was written after my three-month sojourn in Palestine, from November 2016 to February 2017, as part of the Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel (EAPPI) promoted by the World Council of Churches (wcc). The program began in 2002, when the village of Yanoun was evacuated after a period of violent harassment by Israeli colonists from the surrounding settlements. The case gained international visibility, and it was the presence of internationals — together with Israeli citizens — which allowed at least some of the Palestinian families to return to the lands where they had lived for generations. For the purpose of observing human rights violations, this international “protective presence” was extended to other locations in the West Bank, such as Jerusalem, Bethlehem, Hebron, the South Hebron Hills, the Jordan Valley, and Tulkarm.

Yaser mentions some incidents that were widely publicized in the press, such as the Cave of the Patriarchs Massacre in 1994 and the Jerusalem truck attack in January 2017, a copycat of European attacks. All the other events narrated were either personally experienced by me or told directly to me by the people involved. This presence and listening constituted a decisive personal experience for me. In an attempt to elaborate it afterwards, it seemed that writing could be a powerful instrument, but perhaps an illegitimate one: How can one narrate what is happening there? How can one share the everyday experience of tension and high-handedness?

Caught between the urgency of writing and my inability to do it more appropriately, I decided to let fiction

permeate the text. I took care to make sure that invention was not abusive, using it only to sew thoughts and emotions, and to alter the temporality of situations. I hope that the reader may get a glimpse of “my” Palestine through these fragments, and welcome a form of writing born of empathy, on one hand difficult and painful but, on the other, moved by a great deal of respect and affection for the inclusive and positive differences one can discover among people. *Inshallah!*

* * *

For readers interested in this topic, I recommend the following NGOs: Breaking the Silence (www.breakingthesilence.org.il), run by a group of veteran combatants who have served in the Israeli military since the start of the Second Intifada, and B'Tselem, the Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories (www.btselem.org).

Yaser

A man, Yaser. He wakes up and washes the night from his face at the mirror. He pours a little water from the green plastic jug into his cupped hand, through the jug's narrow teapot-like spout. He brings his hands together and lifts them up to his face. Fresh water runs over his skin, across the paths of the creases carved by time and drought — so much sun and heat from toiling on the land. Water always scarce, just this handful. He's used to it. The gesture purifies him, but it is also a form of recognition: yes, this is me. His hands move up and down now even without the water, retracing the course of his face, another piece of arid land. One more day, in the will of Allah. The Palestinian man looks at his image in the mirror, his dark, shining eyes not yet clouded over like the winter sky. May no rain fall from these eyes. May there be no reason nor tempests other than the ones from the heavens bringing water for the soil to drink. And if they do come, may they come unarmed, so as not to take away his peace. May the storms not come in uniform and boots, screaming and banging on the door, bringing fear into the home. No.

Wasfiya is still asleep. Now it is Yaser's turn to watch her tenderly, as she so often does with him. He smiles. Even asleep, there is still something about her of the girl she once was, the cousin who grew up with him. He caresses her with his gaze because she is his comfort and consolation. Not just today, but also back when his eyes rained so much — on that night in 2002, which turned the man he had been until then into something of the past. Without warning or motive, a group of Israeli settlers had come to the village in the middle of the night. They beat on the

metal door of his house, waking up the whole family with a shock. Yaser ran to see what was happening, first checking on his wife, who had gathered their children close to her. Through the crack of the window, he saw the men shouting threats, gripping their weapons. He thought it better to open the door before they knocked it down or fired their weapons. The settlers came into the house and aimed at Yaser's head, pushing him onto his knees. They beat and humiliated him. And they shouted that all the Palestinians should leave the land that did not belong to them. Being assailed and dishonored in front of his own children can change a man forever. All that is in the past now, but it continues taking place within him — now and perhaps forever, until the end of his days. 2002 is a year that never ends.

Yaser sighs; he blows the clouds of the past away from his own sky. He works out how long it has been in years: sixteen. But he can still clearly remember the frightened children, wondering if it was not all a nightmare. A father unable to reach out, his children's cries aching inside him, his failure in permitting this suffering. He blows away the memory's image. The weather will be good today, less heat to dry the plants. Rain would be better. But it won't come yet. Maybe by the weekend, as they said on TV. The day is just beginning, concealed by the night. It will not be long for the sun to set its eyes on Yaser, and in the meantime, he takes care of his flock. With a handful of sheep and goats still due to give birth, the days will soon be filled with new lambs and kids.

Yaser goes into the barn, a baby bottle and a bucket in hand. He cannot help but smile as he is welcomed by the

leaping animals, as though he were their mother. The recent newborns drink the mixture of milk from the various mothers who have done well in producing enough for their own young, for Yaser's family, and also for the cheese. He likes the way things are: the land, the animals, one day at a time, every day just like the one before — with a little rain, more sunshine —, prayers, more lambs and kids, and at the end of it all, the harvest. But Yaser knows that one day or another, he will no longer be able to keep from crying again. May he be blessed and may his tears be tears of joy. Maybe this joy will come if Hala gives him a grandchild, or if one of his sons gets married, or if Talal comes back to this land, where he was born. Yaser smiles as he imagines his firstborn eating the white soft cheese made by his mother that same morning. The smile and shine in his son's eyes — eyes that are also his, a proud father. After years working in Saudi Arabia, his son will come back and he will be his boy again.

But it is not yet the time, and the years pass slowly, with the day of Talal's return never arriving. That day will be the day when his roots will stretch out; finally in Palestine, here in Yanoun, at home, with his own people. As soon as he walks into the house, he will see the new white tiled floor and the yellow walls well painted with the money he sent. Once home, may he not take long to find a good woman, like his mother, to have his own family and children. "Find", Yaser smiles. Unlike their parents, young people today no longer want to marry their cousins. Fine. Back in his day, his father and uncle had

talked for a while, drank tea, and smoked. They already knew how their children felt about each other and there was no need for an arrangement or any persuasion — all they had to decide was the date of the wedding. The love between Yaser and Wasfiya was certain, a love only nature could have created. After their parents had agreed, they had hoped it would also be the will of Allah.

They blushed as they imagined what being a husband and wife might be like, something they would soon learn together. On the agreed date, the family had a party and the relatives came — both close and distant ones. They ate plenty and well, laughed and sang the old songs that everyone knew. And less than a year later, Talal was born. Then, every two or three years, they were blessed with another child, until they had four: three boys to help their father, and a girl, Hala. A halo of light to fill the house with grace, and who one day would also be able to give birth, from her own womb, to one more family member. Yaser prays that his children may find their partner in life who will bring shelter to their souls and be their consolation and comfort. May they know what it is that makes their mother and father still smile at each other, even after all this time. The world, suddenly, so simple and good. *Inshallah*.

* * *

Water is scarce, and so is Yaser's sleep. He does his best with what he has. If he could sleep better, he would dream